

GILBERTO FREYRE

NOVAS LEITURAS DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO

Marcos Cardão  
Cláudia Castelo (orgs.)

Neste livro cientistas sociais portugueses apresentam novas leituras críticas e plurais de livros e textos de Freyre, ancorados em agendas de pesquisa contemporâneas. É uma forma de devolver o olhar privilegiado que Freyre lançou sobre a herança portuguesa e contribuir para o aprofundamento do debate.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reitor* Marco Antonio Zago  
*Vice-reitor* Vahan Agopyan



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Diretor-presidente* Plinio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

*Presidente* Rubens Ricupero  
*Vice-presidente* Carlos Alberto Barbosa Dantas  
Chester Luiz Galvão Cesar  
Maria Angela Faggin Pereira Leite  
Mayana Zatz  
Tânia Tomé Martins de Castro  
Valeria De Marco

*Editora-assistente* Carla Fernanda Fontana  
*Chefe Téc. Div. Editorial* Cristiane Silvestrin

GILBERTO FREYRE

NOVAS LEITURAS DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO

Marcos Cardão  
Cláudia Castelo (orgs.)



Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. Adaptada conforme as normas da Edusp.

Freyre, Gilberto.

Gilberto Freyre: Novas Leituras do Outro Lado do Atlântico / Marcos Cardão e Cláudia Castelo (orgs.); Introdução, Cláudia Castelo e Marcos Cardão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

216 p.; 23 cm. – (Ensaio de Cultura; 56)

Bibliografia.

ISBN 978-85-314-1498-5

1. Freyre, Gilberto de Melo, 1900-1987. 2. Sociologia política (Relação – Portugal). 3. Política social. I. Cardão, Marcos. II. Castelo, Cláudia. III. Título: Novas leituras do outro lado do atlântico. IV. Série.

CDD 306

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo  
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária  
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil  
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150  
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2015

Foi feito o depósito legal

## SUMÁRIO

Introdução – Gilberto Freyre: Novas Leituras do Outro Lado do Atlântico Cláudia Castelo e Marcos Cardão. . . . .	9
1. <i>Casa-grande &amp; Senzala</i> de Gilberto Freyre: Quatro Constatções em torno das Intenções do Autor Diogo Ramada Curto . . . . .	23
2. <i>Aventura e Rotina</i> : Um Livro de Meio de Percurso Revisitado Cristiana Bastos . . . . .	35
3. <i>Ordem e Progresso</i> : Autoridade Política e Imaginário Social Ernesto Castro Leal. . . . .	49
4. O Luso no Trópico, ou porque não Pode Olinda ser Olanda Luís Cunha . . . . .	61
5. Discurso Estético e Criação Artística em <i>Arte, Ciência e o Trópico</i> : Conceitos, Práticas e Contiguidades Teresa Matos Pereira. . . . .	79
6. <i>Como e porque Sou e não Sou Sociólogo</i> : Esboço do Pensamento do Jovem Freyre Carlos Vieira de Faria . . . . .	93
7. Misturar Alhos com Bugalhos: Ensaísmo, Representação e Cultura. Ensaio em torno de Ensaio Manuela Ribeiro Sanches . . . . .	115

8. As Casas de Freyre: Arquitetura e Cotidiano Doméstico na Estruturação da Identidade Brasileira Marta Vilar Rosales . . . . .	129
9. Rurbanização, ou o Espaço Vivido como Mistura Renato Miguel do Carmo . . . . .	149
10. Novas Modas nos Trópicos. Os Brasileirismos que Gilberto Freyre Criou Marcos Cardão . . . . .	157
11. Uma Sociedade Vista do Campo de Futebol Nuno Domingos . . . . .	179
Posfácio – Gilberto Freyre e a Teoria Pós-colonial: Um Diálogo de Surdos Peter Burke . . . . .	199

## Introdução

# GILBERTO FREYRE

## NOVAS LEITURAS DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO

Cláudia Castelo e Marcos Cardão

Gilberto Freyre (1900-1987), escritor e cientista social que ficou conhecido como reinventor ou intérprete da sociedade brasileira<sup>1</sup>, produziu uma obra multifacetada que sempre suscitou leituras polarizadas. Depois de ter sido alvo de condenações sumárias, mas também de apologias complacentes, a obra de Gilberto Freyre vem sendo objeto de discussão e reavaliação dentro e fora do Brasil, sobretudo a partir do centenário de seu nascimento<sup>2</sup>.

1. Ver os títulos de dois trabalhos coletivos sobre Gilberto Freyre publicados na primeira década do século XXI: Antônio Dimas, Jacques Leenhardt e Sandra Jatahy Pesavento (orgs.), *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre História e Ficção*, São Paulo/Porto Alegre, Edusp/Editora da UFRGS, 2006; e Elide Rugai Bastos, Júlia Peregrino e Pedro Karp Vasquez (orgs.), *Gilberto Freyre, Intérprete do Brasil*, São Paulo, Museu da Língua Portuguesa, 2008 (catálogo da mostra homônima).
2. Ver balanço não exaustivo dessa produção até 2008 em Gilberto Velho, “Gilberto Freyre: Trajetória e Singularidade”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 58, pp. 11-21, 2008; e em David Lehmann, “Gilberto Freyre: A Reavaliação Prossegue”, *Horizonte Antropológico*, vol. 14, n. 29, pp. 369-385, 2008 (este artigo também foi publicado em inglês, “Gilberto Freyre: The Reassessment Continues”, *Latin American Research Review*, vol. 43, n. 1, 2008, pp. 208-218). No mundo anglo-saxônico, destacamos ainda os livros: Joshua Lund e Malcolm McNee (eds.), *Gilberto Freyre e os Estudos Latino-americanos*, Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2006, em especial o artigo de Christopher Dunn, “A Retomada Freyriana”, pp. 35-51; e Peter Burke e Maria Lúcia Pallares-Burke, *Social Theory in the Tropics*, Oxford, Peter Lang, 2008; o número especial da revista *Portuguese Studies* dedicado a Gilberto Freyre, *Portuguese Studies*, vol. 27, n. 1, 2011; e o artigo de Maria Lúcia Pallares-Burke, “Gilberto Freyre and Brazilian Self-perception”, *Proceedings of the British Academy*, vol. 179, pp. 113-132, 2012.

- RAMOS, Arthur. *O Folk-Lore Negro do Brasil: Demopsychologia e Psycanalyse*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.
- . *O Negro Brasileiro: Etnographia Religiosa e Psychanalyse*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*. Fac-símile dos artigos publicados na *Revista Brasileira* em 1896 e 1897. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura – Fundação da Biblioteca Nacional, 2006.
- . *Os Africanos no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932.
- SKINNER, Quentin. *Visões da Política. Acerca do Método Histórico*. Lisboa, Difel, 2005 (Coleção Memória e Sociedade).
- VIANA, Oliveira. *Instituições Políticas Brasileiras*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1948, vol. I.
- . *Raça e Assimilação*. 2. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934 [1. ed., 1932].

## AVENTURA E ROTINA

### UM LIVRO DE MEIO DE PERCURSO REVISITADO<sup>1</sup>

*Cristiana Bastos*

*Aventura e Rotina* é o resultado literário da prolongada viagem de Gilberto Freyre a Portugal e colônias em 1951-1952, a mesma que gerou *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*<sup>2</sup>. Mas se *Um Brasileiro* é um volume acadêmico ao estilo de tantos outros, compilando as palestras proferidas pelo autor “em terras portuguesas” e os artigos que daí decorreram, já *Aventura* é todo um contraponto de fluidez, um fluxo contínuo de pensamentos e reflexões transcritas em entradas de diário de viagem. Ao fundo passam paisagens de geografia tropical e influência portuguesa: está para nascer o Luso-tropicalismo, que perpassa o texto mas não chega ao título; este joga-se antes na tensão pacífica de “aventura e rotina”, seguido de “sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação” como subtítulo. O livro é publicado em 1953 pelo habitual editor de Freyre no Rio de Janeiro, José Olympio, tendo uma edição portuguesa pela Livros do Brasil em 1962 e uma segunda edição brasileira em 1980. Não obstante, a obra era de difícil acesso até que, no âmbito do centenário do nascimento do autor, em 2001, foi reeditada na *Freyriana – Topbooks*; conta a edição com um generoso prefácio de Alberto Costa e Silva.

1. Uma primeira aproximação a este tema teve lugar na Universidade de Brown durante dois períodos, em 1998 e em 2000, como professora visitante patrocinada pela Fundação Luso-americana para o Desenvolvimento.
2. Gilberto Freyre, *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

O interesse de *Aventura e Rotina* vai muito para além de seu valor literário, sociológico ou etnográfico. Como tentarei mostrar, o livro pode ser visto como a marca de uma transição entre dois momentos da obra de Gilberto Freyre – entre um Freyre intérprete do Brasil, engajado na produção de um pensamento original sobre a sociedade brasileira como tributária de várias influências em que sobressai o efeito benigno da cultura portuguesa, e um Freyre crescentemente envolvido na produção ideológica sobre a colonização como devir português e particular “modo de estar no mundo”<sup>3</sup>, um Freyre que expande seu universo de análise do nordeste brasileiro para o conjunto de nexos e partilhas que virá a ser conhecido como “mundo português” ou, para seguir suas próprias palavras, “o mundo que o português criou”, o universo “lusotropical”. Ao tempo da viagem, *Casa-grande & Senzala* era já um clássico de muitas reedições e quase vinte anos de vida; e estavam por chegar os panegíricos do Luso-tropicalismo para aplicação política que foram *Integração*<sup>4</sup> e *O Luso e o Trópico*<sup>5</sup>. Um dos encantos de *Aventura* é, portanto, ser de meio de percurso.

Gilberto já tinha sido convidado a visitar Portugal e colônias por Antônio Ferro, o grande responsável pela imagem e representação de Portugal durante o salazarismo; por uma ou outra razão não pudera aceitar. Acedia agora ao convite – o terceiro, no total – formulado pelo ministro do ultramar Sarmiento Rodrigues, não querendo nosso autor deixar passar um sinal de hostilidade junto de um país de que tanto gostava. Obviamente, esperava-se dele o prolongamento da simpatia pela cultura portuguesa que *Casa-grande* espontaneamente demonstrava, com seu elogio à matriz de onde emanavam as originalidades e os aspectos positivos do Brasil – e não seus males, como outros sugeriam. Na contramão do movimento modernista de São Paulo e das correntes nacionalistas sul-americanas que tinham adotado o indigenismo como resposta à condição de colônia, Freyre tinha se dedicado a examinar aspectos da cultura desenvolvida na situação colonial, sublinhando sempre a influência positiva da atitude dos colonizadores

3. Para a obra de referência sobre o contexto político e o impacto da obra de Freyre em Portugal, veja-se Cláudia Castelo, “*O Modo Português de Estar no Mundo*”: *O Luso-tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)*, Porto, Afrontamento, 1998.

4. Gilberto Freyre, *Integração Portuguesa nos Trópicos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1958.

5. Gilberto Freyre, *O Luso e o Trópico: Sugestões em torno dos Métodos Portugueses de Integração dos Povos Autóctones e de Culturas Diferentes da Europeia num Complexo Novo de Civilização*, *O Luso-tropical*, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do v Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961. Este último teve edições simultâneas em inglês e em francês.

portugueses. Em sua caracterização, a cultura da *plantation* nordestina não é um lugar de violência e subjugação colonial, mas antes um cenário de pacífica convivialidade e benéficos entrosamentos que resultavam da disposição miscigenadora dos portugueses, eles mesmos miscigenados pelas rodas da história.

O otimismo e a genuína lusofilia de Freyre tornaram-no um potencial aliado de um regime português que, nos anos de 1950, estava em crescente oposição às tendências políticas então vigentes no mundo; o governo insistia em promover o império enquanto em todos os demais lugares eram negociados os termos da descolonização. Sarmiento Rodrigues, depois de Ferro, via em Freyre um potencial criador de uma representação que se adequasse aos propósitos do governo. Finalmente, Freyre viria mesmo a contribuir para a narrativa mestra do regime; mas isso aconteceu mais tarde. Ao tempo, tudo era incerto, e a proposta de convite só segue mediante a aprovação de Salazar e uma vez confirmados os créditos de aparente lealdade do autor a Portugal<sup>6</sup>.

De seu lado, Freyre acha-se livre, independente, descomprometido: garante que o que vai ver e interpretar na viagem às colônias portuguesas não estará empenhado a qualquer programa ideológico. Parece manter-se disponível para proceder a constantes revisões, para se surpreender com novidades, para incorporar novos dados, em sua tradição pessoal de pensador irrequieto, pronto a reformular, aprender, e sempre a encantar-se com a realidade. Promete ao leitor que o que escreve é o que autenticamente pensou, leu, interpretou, pronto a alargar os horizontes de seu conhecimento no contato direto com os efeitos da colonização portuguesa em África e na Ásia.

De que forma, em que direção foram esses horizontes alargados, ou condicionados pela viagem às colônias portuguesas? Para responder a essa questão temos de ler atentamente o texto de *Aventura*. Sabendo que está na transição entre um ciclo de interpretação da sociedade brasileira na contracorrente, algo subversivo, de quem Salazar desconfiaria, e um Freyre que se torna inspirador das doutrinas em que assenta o regime colonial português tardio, dir-se-ia que a viagem fez consolidar as convicções lusófilas de Freyre e expandir para um universo mais amplo a crença nos benefícios da influência e colonização portuguesa. Freyre não perde uma oportunidade de explicitar uma genuína lusofilia, que exacerba perante as expressões anti-portuguesas, seja na imputação a Portugal das raízes do atraso brasileiro,

6. Cláudia Castelo, *op. cit.*

seja na crítica internacional às políticas laborais nas colônias portuguesas. O leitor é levado a crer que Freyre está em genuína consonância com o projeto português; que acredita que os portugueses têm um modo original de estar no mundo e que o mundo que criaram em suas colônias nada tem a ver com o império racista e subalternizador que os ingleses produziram, mas algo novo, cuja expressão mais completa se encontra no Brasil.

Mas, como veremos mais adiante, nem tudo é tão simples e linear; Gilberto Freyre nem sempre encontrou nas colônias portuguesas pretexto a indiscutível confirmação das teses enunciadas em *Casa-grande*; pelo contrário, experimentou avanços, recuos, demoras e reflexões. O momento da sua epifania, o “parto” oficial do Luso-tropicalismo, dá-se precisamente onde as tensões se precipitavam e obrigavam a uma clarificação de posições. Foi em Goa, na colônia portuguesa do “Estado da Índia”, rodeada de União Indiana por todos os lados, destinada a uma transição, fosse ela negociada, como aconteceu com a colônia francesa de Pondichery, ou forçada, como veio a acontecer uma década mais tarde com Goa. É aí, onde os *freedom fighters* já se levantavam em resistência pacífica, onde subiam as tensões e contradições, que Freyre mais se sente em casa, como se estivesse em Pernambuco<sup>7</sup>.

Em soluços, continuidades, ou hesitações, uma coisa é certa: Freyre não será mais o mesmo depois da viagem às colônias portuguesas, e a representação portuguesa de império e colônias também não será mais a mesma depois da formulação do luso-tropicalismo que Freyre assume nessa viagem e registra neste volume. Por essa e outras razões, das puramente literárias às que nos elucidam sobre o contexto histórico e político em que tem lugar e sobre o impacto mútuo entre o observador e o objeto de observação, *Aventura e Rotina* merece ser revisitada.

No passado comparei este delicioso *travelogue* com outro que é praticamente seu contemporâneo: *Tristes Trópicos*, de Claude Lévi-Strauss; intitulei o ensaio de “Tristes Trópicos e Alegres Luso-tropicalismos”<sup>8</sup>, pois o que no texto de Lévi-Strauss há de desdém e distância, num fundo de

7. Para a análise do contexto goês em que Freyre profere a palestra, veja-se Cristiana Bastos, “O Espelho de Goa: Paradoxos do Pantropicalismo Lusófilo de Gilberto Freyre”, em Amélia Cohn, Aspásia Camargo e Boaventura Sousa Santos, (orgs.), *Brasil-Portugal: Entre o Passado e o Futuro – o Diálogo dos 500 Anos*, Rio de Janeiro, ECM, 2001, pp. 133-148; Ângela Barreto Xavier, “Dissolver a Diferença – Conversão e Mestiçagem no Império Português”, em Manuel Villaverde Cabral et al. (orgs.), *Itinerários: A Investigação nos 25 anos do ICS*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008, pp. 709-727.

8. Cristiana Bastos, “Tristes Trópicos e Alegres Luso-tropicalismos: Das Notas de Viagem em Lévi-Strauss e Gilberto Freyre”, *Análise Social* xxxiii (146/147), 1998, pp. 415-432.

melancolia cínica salpicado de acutilantes observações, é no de Freyre um coro de hinos à alegria reinventando em tudo (ou quase tudo) o que encontra a confirmação da especificidade luso-tropical. De certo modo, a leitura de cada uma destas obras ajuda a decifrar a outra, por contraposição, daí emergindo um Lévi-Strauss de antecipado olhar distante, não envolvido, não implicado, desdenhando o fervilhar da vida, precisamente onde Freyre mais se mostra apaixonado, um Freyre que se nos dá de mão na massa, pé no musseque, ou no templo, no laboratório das minas, no pódio dos auditórios em que circulava.

Se hoje retomasse o exercício comparativo, não resgataria o *Tristes Trópicos*, nem tampouco as obras contemporâneas de *Aventura e Rotina* que, por contraste, acentuam o anacronismo geral em que o lusotropicalismo se inscreve, ao aparecer na década de Fanon, Sartre, Balandier, da conferência de Bandung e da generalização dos nacionalismos africanos e asiáticos<sup>9</sup>.

Sugiro outra comparação, uma que se esconde no texto mas às vezes aparece enunciada, um eixo estruturante contra o qual se organiza o Luso-tropicalismo. Esse eixo – que às vezes contém os ingleses, ou os holandeses, ou os capitalistas, ou os que, na perspectiva de Freyre, não entendem as vantagens da miscigenação e os prazeres da plantação – é o que representa Kipling, aqui e ali referido, ou evocado como “subkiplings”, ou seja, os ingleses e anglicizados em geral; a obra é seu poema de 1890 *East is East, and West is West*, sobre o impossível encontro do Oriente e do Ocidente. Freyre contra-argumenta; para ele, oriente e ocidente encontram-se em tudo o que é português:

Lisboa ensina docemente ao mundo uma lição diferente daquela que Kipling pretendeu nos impor através dos yy e dos ww de seu inglês de grande poeta imperialmente pedagógico ou brilhantemente didático: a lição de que o Ocidente e o Oriente nunca se encontrariam.

Encontraram-se em Lisboa. Encontraram-se em Goa e em Macau. Mas o mais surpreendente foi terem se encontrado em Lisboa: uma Lisboa ao mesmo tempo tão ocidental e tão oriental em seu modo de ser cidade e na amplitude – sociológica, é claro, e não jurídica – de sua cidadania. Uma cidadania que se estende a pessoas, animais e coisas do Oriente e das Áfricas: pessoas, coisas e animais ainda hoje tão remotos, tão exóticos,

9. Pioneiro na teorização da condição colonial, Frantz Fanon publica *Peau noire, masques blancs* pela primeira vez em 1952. O mais conhecido *Les damnés de la Terre* sai em 1961, com um prefácio de Jean-Paul Sartre. Na antropologia, é George Balandier que se antecipa várias décadas à teorização do colonialismo, equacionando os termos da questão em 1951 no artigo “La situation coloniale: approche théorique”, *Cahiers internationaux de sociologie*, vol. 11, pp. 44-79.

tão estranhos noutras grandes cidades europeias, que o europeu, ao vê-los nas suas ruas ou soltos em suas praças e jardins, imagina-os, todos, figuras ou peças de museus ou exposições etnográficas. Ou animais fugidos das grades ou das jaulas dos circos<sup>10</sup>.

Se por um lado *Aventura* nos parece algo anacrônico, dialogando com fantasmas do passado e ignorando os interlocutores e teóricos de seu momento, por outro lado tem o mérito de alcançar temas universais, *insights* acutilantes e formulações tão apropriadas que fazem merecer a visita dos leitores de hoje. De certo modo, continua os temas de *Casa-grande* e o método de entretecer criativamente os temas da grande história e os pequenos temas do cotidiano, da materialidade da vida, da sociabilidade, dos afetos, do parentesco, do amor, sexo, comida, trabalho, música, dança, e outros elementos da cultura. *Aventura* traz consigo o Brasil de *Casa-grande*, que é contraponto, exemplo, explicação, comparação, justificação, efeito. É à sua forma de compreender o Brasil e o explicar aos outros, teorizando, interpretando e procedendo a constantes adaptações, como numa paixão de vida, que Freyre busca as bases de sua interpretação de Portugal e da mescla que se distende na história e se concentra nos lugares que encontra do então império, e que, com o avançar do livro, vai chamando de partes constitutivas de Portugal.

No princípio dos anos de 1950, e também no princípio de seus cinquenta anos, Freyre tinha o melhor dos dois mundos: por um lado era um autor consolidado e amadurecido, por outro era ainda – ou pelo menos assim se sentia – totalmente livre. Faz votos de liberdade e independência ao longo de toda a *Aventura e Rotina*. Diz-se apolítico. Admira a Salazar e a Nehru. Admira quase tudo, critica algumas coisas. Relata o prazer de visitar amigos e ser bem recebido em Portugal, tece considerações, dá-nos impressões em todos os tons e cores, experimenta literariamente. Na Ria de Aveiro, por exemplo, vê uma mãe que alimenta a cidade, “com suas papas de peixe podre, seus pirões de lodo macio, seus mingaus de lama, seus caldos verdes de algas”<sup>11</sup>. Considera estudar o complexo do vinho do Douro como fizera para o açúcar no Brasil. Mas não pode ficar para as vindimas: há que partir no *grand tour* colonial. Visita a Guiné, Cabo Verde, São Tomé, Angola, Moçambique e Goa. Não vai a Macau e Timor, ou Malaca, como pensara, mas o que vê chega para produzir todo um novo ciclo em sua obra

em que consolida sua proximidade de Portugal e que vai, também, valer-lhe um reconhecimento mais intenso que aquele que goza no Brasil<sup>12</sup>.

Nem tudo é fácil, nem tudo é claro, nem tudo é óbvio, nem tudo é objeto de apreciação ou exaltação. Mas algumas coisas inspiram-no e criam um estado de revelação e epifania que o leva a um patamar conceitual que não larga mais: o Luso-tropicalismo como explicação unificadora do que conhece e sabe do Brasil, do que conhece e sabe de Portugal, e do que vai ficando a saber em seu *tour* do império. Este tem, como se sabe, o ponto mais alto em Goa, com notas de apreciação ao que, no regresso de Goa, encontra no norte de Moçambique. *Aventura* não é um livro sobre o Brasil, mas é um livro que traz o Brasil no bolso, na alma, na visão e no coração. Encontra na empiria quase sempre a comprovação de suas convicções sobre a cultura que primeiro viu no Brasil, logo na matriz portuguesa e nas suas raízes árabes, e que se traduz, mais que tudo, na imensa interatividade, benignidade relacional, capacidade para tirar bom partido das coisas, misturar-se como o que encontra, produzir criativos híbridos; também em coisas menos boas, como o pouco apego às árvores grandes, o excesso de bacharéis e de papéis, a repulsa pelo trabalho... mas o que vale isso, posto na balança de criações tão extraordinárias como as que os portugueses puseram no mundo, e não apenas no Brasil, mas também na Ásia e África? Todo o livro é dedicado a este tema geral – em balanço de aventura e de rotina, às vezes mais de uma, outras vezes mais da outra, os portugueses andaram pelo mundo a criar sociedades, culturas, arquiteturas, artes e costumes miscigenados. E nessa medida vai vendo o Brasil por onde passa. Em Goa, então, mais que em África, Freyre viu, sentiu e até saboreou o Brasil.

Continuo impressionado com as semelhanças da Índia Portuguesa com o Brasil. Ou do Brasil com a Índia Portuguesa, desde que, daqui, assimilou o português muito valor oriental, hoje dissolvido no complexo brasileiro de cultura: uma cultura lusotropical tanto quanto a da Índia<sup>13</sup>.

Goa torna-se o berço oficial de sua formulação do lusotropicalismo, lugar de sensações inolvidáveis de reconhecimento – estava-se em casa, mesmo, como no Brasil, como no nordeste – bem como de admiração pelo que via, respeito pela complexidade local, fascínio a que não faltava a crítica, e sagacidade na formulação, como faz para referir a prevalência da

10. Gilberto Freyre, *Aventura e Rotina: Sugestões de uma Viagem à procura das Constantes Portuguesas de Caráter e Ação*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1953, pp. 343-344.

11. *Idem*, p. 215.

12. João Alberto da Costa Pinto, “Gilberto Freyre e a *Intelligentsia* Salazarista em Defesa do Império Colonial Português”, *História*, São Paulo, vol. 28, n. 1, pp. 445-482, 2009.

13. Gilberto Freyre, *op. cit.*, p. 293.

casta em religiões igualitárias e o encontro de conveniências entre indianos segregados e segregados europeus. Comenta ele: “Uma das deficiências do ensino nas escolas da Índia Portuguesa talvez seja esta: a de vir favorecendo a tendência do indiano para o bacharelismo em vez de corrigir o horror, que é nele uma sobrevivência do espírito de casta, ao trabalho manual, técnico, agrário. O castismo hindu exala o intelectual; e despreza do modo mais cru o trabalhador manual”<sup>14</sup>. E acrescenta logo:

É claro que ao português não foi possível reagir de modo fulminante contra tal tendência. Ele próprio chegou à Índia impregnado de um castismo semelhante ao hindu: o que o fazia seguir de preferência, e mesmo sem vocação, a carreira das armas, o sacerdócio, a magistratura, deixando quanto possível aos mouros o trabalho agrário, o mecânico, o técnico. Como poderia o roto ter corrigido neste particular o esfarrapado? Não o corrigiu<sup>15</sup>.

Freyre chega a uma tensão cognitiva, mas as contradições não o impedem de discorrer em prol de suas formulações lusófilas. Chega mesmo a sugerir que “a revivescência do castismo ou do purismo de raça entre os próprios católicos indianos [...] deve ser atribuída à anglo-saxonização do catolicismo latino em Bombaim”<sup>16</sup>. Havia castismo ou racismo nas esferas de influência portuguesa? A culpa era dos ingleses. Para acentuar este ponto Freyre nota que os euroasiáticos, mestiços de inglês com indiano, eram *out-cast*<sup>17</sup>. Enquanto “o mestiço de português com indiano pode elevar-se a situações do maior relevo social”<sup>18</sup> – sem deixar de acrescentar, em seus termos pessoais racializados, “mesmo quando cacogênico”<sup>19</sup>, termo que usara para Cabo Verde em depreciação de alguns efeitos da mistura racial<sup>20</sup> que habitualmente elevava a emblema de orgulho da colonização e modo português de estar no mundo.

Também em África nosso autor viu o Brasil, mas não onde nos pareceria mais óbvio. Não foi no verdadeiramente miscigenado Cabo Verde, que se revia na obra de Freyre mas no qual Freyre não se reviu – para muita mágoa dos intelectuais locais, que dele esperavam liderança e apoio. No prefácio à edição de 2001, Costa e Silva justifica e desculpa Freyre, sugere-

14. *Idem*, p. 300.

15. *Idem, ibidem*.

16. *Idem*, p. 337.

17. *Idem, ibidem*.

18. *Idem*, p. 338.

19. *Idem, ibidem*.

20. *Idem*, p. 276.

rindo que não pode andar livremente no arquipélago e esteve muito limitado pelas autoridades.

Também se sentiu alienado na Companhia de Diamantes de Angola, no Dundo, onde a lógica da exploração mineira proletarizava os africanos, convertendo-os em assalariados em cuja subjugação não se abriam os espaços de ambiguidade que na cultura patriarcal da plantação permitia o correr de afetos, sexo, convívio, clientelismo, lealdades. Comparada à proletarização que as minas operavam, em cima do estatuto de indígenas e da consolidação do fosso racial subsequente, a plantação escravocrata parecia a Freyre uma celebração da vida em movimento:

O estado do escravo no sistema patriarcal luso-brasileiro nada tinha de fixo: era transitório, plástico. O indivíduo podia superá-lo. O estado de “trabalhador nativo” do africano destrabalizado, dentro das grandes empresas capitalistas instaladas na África, é uma situação de condenado sociologicamente à morte. Baseia-se na concepção de ser ele inferior ao branco, não transitoriamente – como cativo de guerra ou devido a outro acidente – mas como raça. Biologicamente. Fatalmente<sup>21</sup>.

A Diamang era o oposto do Luso-tropicalismo; era o capitalismo em todas suas cores, inspirado no que ele achava serem os maus exemplos de belgas e ingleses, dos protestantes, e do que às vezes designa como os imperialistas albinos, as gentes do norte, enfim, os não portugueses. Exemplo de antilusitanismo era a igreja separada para brancos e pretos e outras coisas inspiradas em modelos externos. “A proletarização de tais indígenas, sua segregação em bairros para ‘trabalhadores indígenas’ dentro de comunidades organizadas em função desta ou daquela atividade econômica, constitui um dos maiores perigos para a gente africana do ponto de vista social e, ao mesmo tempo, cultural.”<sup>22</sup>

São escassos os comentários negativos como este, feitos nas poucas ocasiões e nos poucos lugares onde Freyre se sente fora de casa, deslocado, alienado. Mais frequentes são os lugares onde detecta semelhanças e familiaridades entre o que observa de Portugal e colônias e o que conhece do Brasil. Um deles está bem próximo da Diamang: trata-se da Vila Luso, que designa de “doce cidade lusotropical”<sup>23</sup>. Nesse caso era o clima que o fazia sentir-se em casa; noutros, era a estrutura de plantação, como acontece em São Tomé, e ainda mais em Moçâmedes – para onde os portugueses

21. *Idem*, p. 385.

22. *Idem*, p. 384.

23. *Idem*, p. 372.

de Pernambuco se tinham refugiado em 1849, fugindo à revolta praieira, e para onde tinham importado, com tudo a que tinha direito, a plantação do nordeste, com casa-grande, senzala, escravos.

Adora a figura de Silva Porto, colonizador do sertão de Angola que se tinha convertido à vida africana: “Amigado com as pretas. Pai de mestiços. Tronco de todo um sistema patriarcal caracterizado pelo respeito à figura do chefe europeu que, aliás, antes de fixar-se em Angola, andara pelo Brasil”<sup>24</sup>.

E os exemplos são inúmeros. Contradiz-se: se nuns lugares refere o ódio luso ao trabalho, noutros enaltece os portugueses na condição de lavradores. Vai formulando impressões, segregando reflexões, formulando princípios gerais, e neste processo de deixar à vista seu fluxo mental de ensaísta que não tem espaço nem tempo para parar e citar outros, de escritor que procura em cada pormenor do mundo um pretexto para chegar a universais e intemporais, deixa-nos um vasto repertório por onde temos de navegar, errando como ele, com a cautela de não extrair do texto princípios assentes em organizações teóricas; tal como os objetos que descreve, elas são fluidas, complexas, multidirecionais, contraditórias.

#### COMENTÁRIO: ECOS DO LUSO-TROPICALISMO, DO DIREITO E DO AVESSO

Tive meu primeiro encontro com *Aventura e Rotina* na excelente biblioteca da Universidade de Brown em 1998, em minha fase de *aventura* do que veio a tornar-se a não menos empolgante *rotina* de permanecer por algumas temporadas acadêmicas naquela área do mundo. Antes de rotinizar minhas prestações acadêmicas em torno de questões coloniais e pós-coloniais, diásporas e deslocamentos, com ocasionais incursões em temas de saúde, sociedade e ciência, e quando estava ainda num momento de *aventura*, usei ensinar a alunos norte-americanos um curso exclusivamente dedicado a Gilberto Freyre. Era o ano de 2000, centenário de seu nascimento. Parece que foi há muito tempo, numa época remota, antes da colonização das universidades de todo o mundo pela *audit culture*, seus relatórios e avaliações de desempenho em termos de produtos e fatores de impacto quantificáveis. Para os que fazem da universidade sua casa e da investigação seu trabalho,

lazer e paixão, não era apenas a possibilidade de explorar de modo sistemático ou errático nas bibliotecas onde milhares de livros e milhões de páginas esperam leitores, onde bilhões de detalhes convivem pacificamente e estão prontos a gerar ainda mais ideias novas, se consentirmos ser seus veículos. Era um tempo em que o triturador acadêmico não se tinha instalado entre nós em toda sua plenitude e ainda podíamos aspirar a ler devagar e sem culpa, a estudar com tempo, a investigar empolgados e, hoje quase impensável, andar à deriva, tal como Freyre celebrava, saudando qualquer encontro, grande ou pequeno, sem o estresse que hoje advém de não rentabilizar o tempo segundo os padrões vigentes. Por isso aproveito para saudar a iniciativa que levou os participantes neste volume a refletir com fôlego e tempo sobre o ciclo completo das obras de um grande pensador que nunca dispensou a possibilidade de ir atrás do que o inquietava e interessava, pronto a descobrir, a deixar-se descobrir, a encontrar-se peito aberto com temas, coisas e pessoas para as quais não tinha soluções definitivas, mas propostas; alguém que não deixava nada de fora e arriscava constantemente interpretar, interpretar mais, e interpretar mais ainda. Alguém que não se escravizou a objetivos e manteve sempre boa vontade e humor relativamente a quase tudo o que observava; alguém que deu uma admirável, única e irrepetível contribuição nesse processo de transformar os mares e montanhas de pedaços de informação em peças de pensar e encantar.

Tive portanto a sorte de, no ano 2000, poder navegar com disponibilidade e riqueza de tempo por entre as muitas peças de encantar que Gilberto Freyre pensou e escreveu ao longo da vida. Esse era também o ano do milênio e da febre respectiva, e era ainda, mas isso ninguém podia adivinhar, o último ano de uma era antes de outra que não se sabe ainda muito bem o que é, mas já está aí, e, como aconteceu para todas as outras eras, nós a vivemos sem saber ainda onde nos levará e como se chamará. Se Freyre cá estivesse inventava um nome apropriado – não me atrevo a imitá-lo.

Mas voltemos a 2000 e ao ponto de viragem entre eras. Quem naquele ano visitasse New York podia ainda ver as torres gêmeas no horizonte, e mesmo, pagando um bilhete, subir de elevador até ao topo de uma delas. Podia assistir à aparente prosperidade e à ilusão de pacatez que levou alguns autores a patentearem um dos títulos mais ridículos e improváveis de todos os tempos, o de “fim da história”. Podia ainda espreitar mais fundo e assistir ao crescimento imparável da bolha imobiliária, do endividamento como modo de vida, do consumo, da deslocalização do trabalho, da multiplicação dos avatares do capital. Podia também recuar de tudo isso e, como faziam muitos nas ciências sociais, refrear com a mão esquerda o entusiasmo da

24. *Idem*, p. 394.

mão direita, apontando e documentando a trágica dimensão das disparidades e assimetrias assim criadas: globalização, dizia-se, mas certamente não da igualdade no bem-estar. E finalmente, quem estivesse atento como Freyre sempre estava, podia dar atenção a um outro fenômeno que entretanto se foi impondo, que não veio das superfícies, aparências, sabores, cores, paisagens e pormenores arquitetônicos tão ao gosto de Freyre, mas das entranhas mais profundas da política e da economia. Não é um efeito do luso-tropicalismo, mas vem do Brasil.

No ano 2000, numa ótica diferente da aceitação do inevitável aprofundamento das assimetrias mundiais como efeito do sistema econômico, iniciava-se no Brasil um ciclo de contracorrente à ordem estabelecida. Não foi a cumprir profecias, de Vieira a Kubischek, nem a sair de insurreições revolucionárias à moda de Cuba; foi antes ao jeito brasileiro de inventar soluções na adversidade e inverter as inevitabilidades do destino. Em vários campos se recortou uma dinâmica de rutura com a aceitação do fosso norte/sul, mas vou falar de um apenas, que melhor conheço: a distribuição de medicamentos antivirais para a aids. Eram medicamentos caros, mas tornaram-se, como efeito de uma complexa dinâmica política interna e externa, parte de um pacote de direito à vida, que agora já não mais podia ser pensada em duas velocidades, uma para cidadãos de primeira com doenças de primeira e remédios caros, outra para pobres para quem ficam os restos ou simplesmente nada. O Brasil do ano 2000 deu um redondo não a essa fatalidade; agora os remédios não podiam deixar de ser para todos, custasse o que custasse à economia e à diplomacia, ou melhor, ao braço de ferro que se deu com as organizações internacionais e os advogados de patentes; havia agora a capacidade técnica e a vontade política para contornar as dificuldades<sup>25</sup>. E desta atitude surgiu uma dinâmica de pujança e orgulho contagiante que não podia mais retroceder. O Brasil tinha deixado de ser o país do futuro adiado, o futuro estava no presente e o mundo ficou a sabê-lo rapidamente. E essa pujança do novo Brasil já nos afeta de vários modos: no crescimento do português como língua internacional e, precisamente nos dias que antecederam o colóquio *Identidades, Híbridos e Tropicalismos: Leituras Pós-coloniais de Gilberto Freyre* (Lisboa, 31 de março e 1º de abril de 2011), a visita da presidente Dilma fez-se acompanhar de uma oferta de

25. Tratei esta questão com mais pormenor no artigo "From Global to Local and Back to Global: The Articulation of Politics, Knowledge and Assistance in Brazilian Responses to AIDS", em Maj-Lis Follér e Håkan Thörn (eds.), *The Politics of AIDS: Globalization, the State and Civil Society*, New York, Palgrave Macmillan, 2008, pp. 225-241.

ajuda econômica apresentada num vocabulário de partilha cultural de uma grande comunidade luso-brasileira<sup>26</sup>.

Decerto Gilberto Freyre adoraria ver o que se passa hoje, ele que trabalhou toda a vida a entender a singularidade do Brasil. Talvez as coisas não se tenham passado exatamente nas linhas que enunciou para o Luso-tropicalismo; não foi o espírito de missão cordial, a vocação para a miscigenação, as boas práticas dos portugueses, sua aptidão para construir casa e fazer lar errando pelo globo, sua combinação própria de doses de aventura e rotina, a obstinação política de manter o "mundo português" quando em todos os lugares se desenhava a descolonização, ou o ufanismo luso-tropical, que, em parte ou no todo, fizeram reposicionar a língua portuguesa no mundo – foi quase seu oposto, um realismo que passou pelo envolvimento profundo na luta política e também com as realidades da economia, catapultando, finalmente, o Brasil para a posição de primeira linha no cenário mundial e trazendo uma dinâmica de crescimento da língua em dimensões que nem Gilberto Freyre, em seus momentos mais criativos, poderia ter antecipado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALANDIER, George. "La situation coloniale: approche théorique". *Cahiers internationaux de sociologie*, vol. 11, pp. 44-79, 1951.
- BASTOS, Cristiana. "Tristes Trópicos e Alegres Luso-tropicalismos: Das Notas de Viagem em Lévi-Strauss e Gilberto Freyre". *Análise Social*, vol. XXXIII, n.146/147, pp. 415-432, 1998.
- \_\_\_\_\_. "O Espelho de Goa: Paradoxos do Pantropicalismo Lusófilo de Gilberto Freyre". In: COHN, Amélia; CAMARGO, Aspásia & SANTOS, Boaventura Sousa (orgs.). *Brasil-Portugal: Entre o Passado e o Futuro – o Diálogo dos 500 Anos*. Rio de Janeiro, ECM, 2001, pp. 133-148.
- \_\_\_\_\_. "From Global to Local and Back to Global: The Articulation of Politics, Knowledge and Assistance in Brazilian Responses to AIDS". In: FOLLÉR, Maj-Lis & THÖRN, Håkan (eds.). *The Politics of AIDS: Globalization, the State and Civil Society*. New York, Palgrave Macmillan, 2008, pp. 225-241.
- CASTELO, Cláudia. "O Modo Português de Estar no Mundo": O Luso-tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961). Porto, Afrontamento, 1999.

26. Ver artigos no jornal português *Público* de 29 de março de 2011: "Dilma Rousseff: Brasil Poderá Ajudar Economia Portuguesa" e "Lula: 'Brasil Será Solidário com Portugal'", bem como o artigo de opinião assinado por Dilma Rousseff durante a visita presidencial.

- FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris, Éditions du Seuil, 1952.
- . *Les damnés de la Terre*. Paris, F. Maspero, 1961.
- FREYRE, Gilberto. *Aventura e Rotina: Sugestões de uma Viagem à procura das Constantes Portuguesas de Caráter e Ação*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.
- . *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.
- . *Integração Portuguesa nos Trópicos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1958.
- . *O Luso e o Trópico: Sugestões em torno dos Métodos Portugueses de Integração dos Povos Autóctones e de Culturas Diferentes da Europeia num Complexo Novo de Civilização, o Luso-tropical*. Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961.
- PINTO, João Alberto da Costa. “Gilberto Freyre e a *Intelligentsia* Salazarista em Defesa do Império Colonial Português”. *História*, São Paulo, vol. 28, n.1, pp. 445-482, 2009.
- XAVIER, Ângela Barreto. “Dissolver a Diferença – Conversão e mestiçagem no Império Português”. In: CABRAL, Manuel Villaverde *et al.* (orgs.). *Itinerários: A Investigação nos 25 anos do ICS*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008, pp. 709-727.

## ORDEM E PROGRESSO

### AUTORIDADE POLÍTICA E IMAGINÁRIO SOCIAL

Ernesto Castro Leal

#### PROBLEMAS: A OBRA E SUAS CIRCUNSTÂNCIAS

A obra monumental de Gilberto Freyre, *Ordem e Progresso* (1959), é um importantíssimo lugar de memória analítico para compreender o longo processo de transição no Brasil, entre o Império (Segundo Reinado de Pedro II) e a República (República Velha), que decorreu desde os inícios da década de 1870 até aos finais da década de 1920. Seguindo a tipologia do historiador francês Fernand Braudel sobre a dinâmica do capitalismo, esse tempo histórico inseriu-se na transição da “economia-mundo euro-atlântica” para a “economia mundial”, iniciada com o final da Guerra Franco-prussiana (1870-1871) e terminada com o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

O título *Ordem e Progresso* corresponde, por um lado, à inscrição da divisa positivista, criada pelo pensador francês Auguste Comte – o lema geral do Apostolado Positivista era “O amor por princípio e a ordem por base: o progresso por fim” –, presente na bandeira nacional do Brasil republicano, em homenagem ao comtismo, através de sua idealização pelos positivistas brasileiros Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos; por outro lado, exprime uma “constante nacional” do Brasil independente, desde o início sob a égide de um marcado *patrocinato* político por parte das elites dirigentes. O subtítulo esclarece, de forma desenvolvida, o objetivo essencial a ser sujeito a inquérito aprofundado, a problematização e a interpretação: “Pro-